



O QUE DIFICULTA O AUMENTO DA ÁREA DE CANOLA NO BRASIL?

Alvaro Augusto Dossa¹, Paulo Ernani Peres Ferreira², Gilberto Omar Tomm³

¹Administrador, M.Sc., Analista A - EMBRAPA Trigo. Passo Fundo, RS, Brasil. Email: alvaro.dossa@embrapa.br

²EMBRAPA Trigo, Passo Fundo, RS, Brasil.

³EMBRAPA Trigo, Passo Fundo, RS, Brasil.

RESUMO

A cultura da canola é uma alternativa de cultivo de inverno com comprovado potencial para incrementar a renda, otimizar o uso de meios de produção disponíveis e beneficiar os demais cultivos em diversos sistemas de produção de grãos no Brasil. Apesar disso, ao longo de sua história, iniciada em 1974, a expansão de sua área de cultivo tem ficado muito aquém do seu potencial. Mesmo com imensa demanda mundial e crescente do mercado consumidor nacional, seja pelo uso de seu óleo diferenciado para alimentação humana, seja pela indústria para utilização potencial do óleo como biodiesel, ainda existe resistência dos produtores rurais à adoção de novas culturas, incluindo a canola, conforme indicam os dados de evolução de área no Brasil. O presente trabalho, baseado em entrevistas estruturadas, buscou gerar dados primários, entrevistando produtores participantes de três eventos de campo, com o objetivo de identificar os possíveis entraves e orientar a remoção dos impedimentos ao crescimento da área de cultivo da canola no Brasil.

Palavras chave: difusão de tecnologia; barreiras; transferência de tecnologia.

INTRODUÇÃO

Mundialmente, após a soja, a canola é a maior cultura de grãos oleaginosos. No Canadá, Austrália e países da Europa, a canola é o principal cultivo para produção de óleo, tanto para consumo humano, como para a produção de biodiesel, em função da qualidade, bem como da produtividade estável e competitiva. A canola se destaca pelos benefícios indiretos para os cultivos subsequentes, exemplificados pelo aumento de 50% do rendimento de grãos de trigo na Austrália, num período de 20 anos, devido a redução de doenças radiculares e aumento na resposta à adubação nitrogenada (Passioura, 2004). A produção de canola no Brasil, que inicialmente incluía cultivares de colza, tem seus primeiros registros a partir de 1974 (MARTIN; NOGUEIRA JUNIOR, 1993 apud DE MORI; TOMM; FERREIRA, 2014). O cultivo de canola tem como principal objetivo a extração de óleo de seus grãos (37-42%), com as finalidades de consumo humano e produção de biodiesel, e, secundariamente, de farelo, empregado na formulação de rações. No Brasil, o óleo para consumo humano é a principal destinação da canola. O país importou em 2012 aproximadamente 42.500 toneladas do produto, entre sementes, grão, óleo bruto e refinado, tendo produzido em uma área de 48.704 hectares cerca de 60.000 toneladas naquele ano (CONAB, 2013; DE MORI; TOMM; FERREIRA, 2014).

Conforme levantamento realizado por Tomm (2014), a área de canola tem variado expressivamente (percentualmente) ano a ano: cresceu 35.022 hectares (ha)

em 2009, para 41.976 ha em 2010 e atingido 59.100 ha em 2011 reduzindo a 48.704 ha em 2012 e finalmente, 42.168 ha, em 2013. Dentro dessa perspectiva, a Embrapa Trigo buscou identificar que dificuldades são percebidas pelos produtores como as razões que entravam o desenvolvimento do cultivo de canola no Brasil.

MATERIAL E MÉTODO

Uma pesquisa quantitativa foi aplicada para produtores rurais participantes de três eventos técnicos (dois dias de campo regionais e uma abertura nacional de colheita de safra) que abordaram o tema canola. Foram disponibilizadas questões de múltipla escolha (escolha única ou múltipla), questões binárias (sim ou não) e questões abertas semiestruturadas. Foram aplicados 77 questionários válidos, onde cada questionário representava uma propriedade e não um participante do evento. Experiências anteriores indicam que os participantes dos dias de campo geralmente vão acompanhados, em média, por uma ou duas outras pessoas (como por exemplo pai e filhos, marido e esposa, sócios, etc.). Essa decisão foi tomada para aumentar a representatividade dos dados da pesquisa e evitar a existência de dados em duplicidade sobre uma mesma propriedade. Portanto, os 77 questionários válidos representam as informações e percepção de um maior número de participantes nos três eventos.

As respostas às questões de múltipla escolha foram tabuladas utilizando a ferramenta *Qualtrics* e foram analisadas empregando estatística descritiva simples. As respostas às questões semiestruturadas foram analisadas por meio de análise de conteúdo, para a criação de categorização em temas presentes nas respostas. Também é preciso destacar que as análises foram divididas em duas partes: uma referente aos entrevistados que cultivam ou já cultivaram canola (37 respondentes) e a segunda parte para todos os entrevistados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

a) Produtores que cultivam ou já cultivaram canola.

A Figura 1 apresenta a distribuição da resposta para a pergunta: por que cultivar canola?

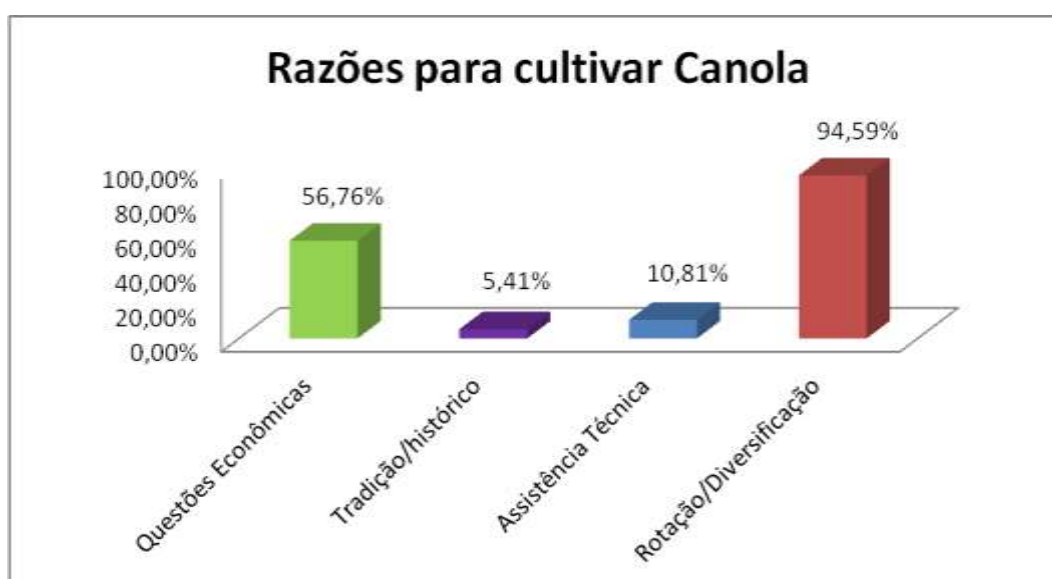


Figura 1: razões para o cultivo da canola.

A rotação/diversificação de culturas é a principal razão para o produtor decidir em cultivar canola, seguida por questões econômicas. A assistência técnica disponível e a tradição/histórico do plantio ficaram abaixo. A grande relevância da rotação/diversificação é bastante peculiar frente a “questões econômicas”, pois a literatura mais tradicional de economia rural tende a indicar que os fatores econômicos são os principais motivadores para adoção de uma cultura/tecnologia. Apesar disso, o contexto de preços disponíveis para a canola, atrelado ao preço da soja (proporção de 1:1, ou seja, um saco de canola equivalente ao preço de um saco de soja), pode indicar a razão para essa percepção. Outro motivo é a possibilidade de incremento da produção de soja (principal oleaginosa de grãos do país) com o cultivo de canola, de modo a indicar um raciocínio de médio/longo prazo para os produtores. Sendo uma cultura relativamente nova, em especial se comparado ao cultivo de trigo, por exemplo, reforça a indicação de que poucos respondentes consideram tradição/histórico de plantio como uma razão para decisão. Já a disponibilidade de assistência técnica como fator de decisão também deixa a desejar. Uma hipótese para essa avaliação (que precisa ser explorada em pesquisas futuras) é o pouco o conhecimento sobre a cultura dos assistentes técnicos públicos (Emater), frente ao número de assistentes técnicos privados, geralmente vinculados a empresas e cooperativas que fomentam a produção de canola.

A Tabela 1 apresenta o número de respondentes que cultivaram canola em cada ano, bem como os problemas que encontraram na safra daquele ano.

Ano	Nº de produtores	Principais problemas informados:					Perdas na colheita
		Semeadura	Doenças	Insetos	Granizo	Geada	
2013	27	18,52%	44,44%	0,00%	0,00%	22,22%	14,81%
2012	24	16,67%	29,17%	4,17%	20,83%	20,83%	20,83%
2011	17	17,65%	41,18%	0,00%	0,00%	23,53%	11,76%
2010	13	0,00%	23,08%	7,69%	0,00%	23,08%	15,38%
2009	9	11,11%	33,33%	0,00%	0,00%	11,11%	11,11%
2008	5	0,00%	40,00%	0,00%	0,00%	20,00%	20,00%
Outros anos	4	25,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	50,00%

Tabela 1: Categorias de dificuldades informadas pelos produtores como as principais limitantes à produção de canola encontradas nos últimos anos.

A Tabela 1 indica um crescimento anual no número de produtores que participaram da pesquisa. Uma hipótese para essa evolução é a participação nos eventos técnicos, onde produtores iniciantes no cultivo de canola estão buscando soluções tecnológicas aos problemas cujas respostas produtores com mais anos de experiência no cultivo de canola já encontraram. Os problemas enfrentados apresentam uma variação bastante expressiva entre os anos, com uma predominância maior para “doenças” e “geadas”. Isso indica que não há uma dificuldade predominante enfrentada pelos produtores, com problemas distintos entre áreas de cultivo e entre anos. Nenhum produtor relatou ter enfrentado problemas com comercialização. Esta informação é uma destacada exceção em relação aos demais cultivos de inverno.

Também cabe destacar que o número de produtores que utilizaram financiamento para o plantio da canola cresceu de 20% em 2008 para 73% em 2013. Já o seguro agrícola foi requisitado por 18,75% em 2011 e por 35% em 2012 e por 31% em 2013. O cultivo com financiamento bancário e seguro agrícola tem sido

recomendado, incisiva e reiteradamente, desde 2008, nos treinamentos e dias de campo, para evitar prejuízos financeiros aos produtores em caso de eventos climáticos adversos. Os eventos também procuram informar ao produtor que o elevado percentual dos fertilizantes aplicados em canola, estará disponível para o cultivo subsequente, constituindo em lucro dada a possibilidade de uso da adubação residual. A média de produtividade obtida pelos produtores entrevistados foi de 23 sacos por hectare (aproximadamente 1.380 kg/ha).

b) Todos os respondentes.

Buscando identificar a percepção de produtores de canola bem como de potenciais produtores sobre as dificuldades que a cultura enfrenta, a análise de conteúdo das respostas indicou que as três principais dificuldades são respectivamente: “problemas nas variedades atuais”, “pouco conhecimento/informação sobre a cultura” e “problemas na colheita”. É preciso destacar que as duas categorias com maior número de citações (variedades e pouco conhecimento) ficaram empatadas em primeiro lugar. Contudo, esse empate não ocorre se separadas as categorias de respondentes, pois aqueles agricultores que nunca cultivaram canola consideram que o “pouco conhecimento/informação sobre a cultura” é a principal razão (4 vezes mais citações do que “variedades”), enquanto que os produtores mais experientes com a cultura consideram que “variedades” são o principal entrave (com 2,5 vezes mais citações). Ainda analisando de forma separada as categorias, para produtores de canola, existe pouca “tecnologia / pesquisa” para a cultura, e “clima” também é um fator importante. Já os produtores que nunca cultivaram a canola apontaram “colheita” como o principal entrave e vários responderam “não saber a razão”.

Os respondentes também foram inquiridos sobre o porquê de não haver mais produtores de canola. As três principais razões foram a “falta de divulgação da cultura”, “risco da cultura” e “fama/histórico ruim”. Para aqueles produtores que nunca cultivaram canola, as categorias “falta de divulgação”, “cultura nova” e “fama/histórico ruim” foram as principais. Já os agricultores que plantam ou já plantaram canola identificaram “falta de divulgação”, “risco da cultura” e “fama/histórico ruim”.

As respostas evidenciaram que a cultura ainda é percebida como um cultivo de alto risco. Importantes vantagens da canola como a garantia de compra da produção e o suporte técnico disponibilizado pelas empresas de fomento, ainda não têm sido suficientes para acelerar a expansão do cultivo de canola no Brasil. Esta situação ocorreu no início da expansão do cultivo no Canadá e foi superada com investimentos adequados em pesquisa e organização dos produtores, principalmente através do Canola Council of Canadá. Estes levaram a canola a ser o mais importante cultivo de grãos do Canadá, por sua estabilidade de produção e geração de lucros mais consistente, ano após ano.

CONCLUSÕES

A análise dos dados indica que a canola ainda é considerada uma cultura nova e arriscada pelos produtores rurais, embora o cultivo da colza/canola no Brasil venha ocorrendo há 40 anos. As percepções sobre a canola e as dificuldades dos produtores que já cultivaram canola são distintas daqueles produtores que nunca o fizeram. Possivelmente os que já produziram canola participaram de palestras de treinamento ministrados por especialistas da Embrapa Trigo e técnicos das empresas de fomento à produção de canola, tendo em vista que raramente o produtor tem acesso a sementes de canola desacompanhadas de assistência-técnica e indicações de cultivo. Levantamentos sobre adoção e impacto destas tecnologias no RS e PR indicaram quase total aderência dos produtores a estas indicações.

Com base nessas informações sugere-se que as atividades de fomento à produção de canola, sejam elas públicas ou privadas, realizem mais ações de

transferência de tecnologia e não apenas de difusão de tecnologia. Essas atividades se diferenciam em nível de profundidade e amplitude: a difusão de tecnologia visa a atingir o maior número de pessoas possível, mostrar que certas dificuldades já foram superadas e quais as vantagens de se adotar a tecnologia. Já a transferência de tecnologia visa um maior aprofundamento do conhecimento, com aquisição (reconhecer), assimilação (aprender) e uso (utilizar).

Quanto às vantagens percebidas pelos produtores, destaca-se que as questões econômicas, geralmente colocadas como principal fator atrativo para adoção de uma nova tecnologia, ficaram em segundo plano frente à possibilidade de um melhor sistema produtivo/rotação de culturas para a propriedade. Sugere-se que trabalhos futuros visando a ampliação da área da cultura sejam focadas em mostrar que o impacto dos riscos identificados no passado têm sido minimizados com o aperfeiçoamento de práticas de manejo e novos híbridos tornando o cultivo de canola uma alternativa cada vez mais interessante para a rotação de cultura da propriedade.

Recomenda-se para estudos futuros que a mesma metodologia seja aplicada novamente a fim de permitir uma análise longitudinal (histórica), demonstrando assim se houve ou não variação nas respostas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE MORI, C., TOMM, G. O., FERREIRA, P. E. P. **Aspectos econômicos e conjunturais da cultura da canola no mundo e no Brasil**. Documento Online 149. Embrapa Trigo. 2014. Disponível em: < http://www.cnpt.embrapa.br/biblio/do/p_do149.htm >. Acesso em 25 junho 2014.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO – CONAB. **Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos: safra 2012/2013**. 2013 Disponível em < http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/13_07_09_09_04_53_bol_etim_graos_junho__2013.pdf >. Acesso em 26 jun 2014.

TOMM, G. O. **Área semeada de canola no Brasil por estado no período 2009-a 2013, conforme dados das principais empresas de fomento da cultura**. 2013. Disponível em < http://www.cnpt.embrapa.br/pesquisa/economia/2014_04_CANOLAnumeros.pdf >. Acesso em 25 jun 2014.

Passioura, J. 2004. Increasing crop productivity when water is scarce – from breeding to field management. **4th International Crop Science Congress- Handbook and Abstracts**. Page 51. Brisbane, Australia. Disponível em < <http://www.7iwc.com.ar/instru.php> >. Acesso em 30 julho 2014